

Bartosz Dondelewski
Uniwersytet Jagielloński
biuro.bd@gmail.com

“Falar diferente” e conservar um geoleto vernáculo

Notas sobre a importância da fonética no fortalecimento dos princípios da identidade de G. Breakwell no caso da comunidade d’a fala de Xálima (Cáceres, Espanha)

Resumo:

No artigo apresentam-se algumas considerações preliminares face a uma proposta de explicação alternativa da vitalidade do geoleto do *Val de Xálima* (Cáceres, Espanha), a chamada *a fala*. Tendo em consideração que hoje em dia a comunidade de Xálima tem vindo a enfrentar vários fenómenos de índole sociolinguística que poderiam ter resultado na supressão das particularidades dialetais d’a *fala* e na convergência linguística com o castelhano, procura-se descrever um processo de reforço da identidade étnica local baseado na saliência percetiva dos hipotéticos “traços de não-pertença”, que têm vindo a resultar na conservação do geoleto. Consequentemente, propõe-se inscrever o factor de “falar diferente” na Teoria do Processo Identitário (*Identity Process Theory*) de G. Breakwell.

Palavras-chave: *a fala*, Xálima, fonética dialectal, *Identity Process Theory*, identidade étnica.

Abstract:

“Speaking different” and preserving a vernacular gelect. Notes about the importance of phonetics in enhancing the G. Breakwell’s identity principles in a *fala* de Xálima community (Cáceres, Spain)

This paper presents some preliminary comments aiming to explain the vitality of the gelect of *Val de Xálima* (Cáceres province, Spain), the so-called *a fala*. Having in consideration that recently the community of Xálima has faced various sociolinguistic phenomena which could have suppressed its dialectal particularities in the linguistic convergence with Castilian, the author aims to describe a process of reinforcement of the local ethnic identity due to the perceptual salience of the hypothetical “non belonging phonetic features” resulting in the preservation of the gelect. It is also proposed to integrate the factor called by the author: “to speak different” to the Identity Process Theory of G. Breakwell.

Keywords: *a fala*, Xálima, dialectal phonetics, Identity Process Theory, ethnic identity.

Compreender a vitalidade do falar Xálima

O presente artigo pretende ser um contributo a um estudo de maior extensão que terá como objetivo principal propor uma óptica alternativa sobre a excecional vitalidade do falar do Val de Xálima, a chamada *a fala*, usada por cerca de 5000 pessoas na fronteira luso-espanhola, na província espanhola de Cáceres em três aldeias de San Martín de Trebellu, As Ellas y Valverdi du Fresnu¹. A fala originou-se entre colonos de proveniência galaico-portuguesa e astur-leonesa, que assentaram ali no séc. XII e XIII, durante a reconquista.

À diferença dos demais geoletos da fronteira luso-espanhola (atualmente em vias de extinção) *a fala* continua a manter um alto nível de transmissão intergeracional, usando-se em todo o tipo de situação comunicativa junto ao considerável orgulho dos xalimegos

¹ Prefiro usar os topónimos que mais se aproximam da pronúncia vernácula (sobre esta questão veja-se Dondelewski [2011: 15]).

relativamente à sua variedade². No entanto, é preciso dar conta do crescente nível de bilinguismo observável na comunidade [Ramallo, 2011: 119].

As explicações relativas à conservação d'*a fala* até à atualidade que se têm vindo a apresentar, tomam como ponto de partida a história: baseiam-se em escritos antigos, repetindo, no fundo, sempre a mesma tese: a do isolamento secular (geográfico e cultural) do *Val*, o que teria influenciado na preservação d'*a fala*³.

Estou longe de negar a pertinência das considerações diacrónicas. No entanto, a realidade vivida atualmente pelos xalimegos possui características inexistentes no passado, sendo assim mais complexa e sobretudo mais dinâmica.

O presente artigo terá, portanto, em conta as características fonéticas d'*a fala*, procurando a relação entre elas e a estruturação psicosocial da comunidade linguística em questão.

Entre o passado e a actualidade

Ainda que não vamos comentar a história d'*a fala* ao pormenor, uma correta compreensão do problema que se pretende apresentar requer informação essencial sobre a proveniência d'*a fala*.

Desde o leste, *a fala* é vizinha do território onde é falada a variedade extremenha do castelhano. No Norte da região, onde se situa o *Val*, prevalecem traços dialetais leoneses bastante fragmentados

² Segundo Ramallo [2011: 119], em 2007 de entre os alunos do 6º da primária e dos quatro cursos da ESO, falavam “só a fala” ou “mais a fala que castelán”: habitualmente 54,4%, em casa 63%, com os colegas da escola 59% opinando, entre outros, que os pais devem falar a fala com os filhos 95%, que as autoridades a deviam proteger 82,9%, que todos os extremenhos a deviam conhecer 82,2%, que a diversidade linguística era muito positiva para todos 81,1% e que as matemáticas se podiam aprender em a fala 56,1%.

³ Cf. Dondelewski [2011: 11-27].

[Alvar, 1999: 172]. Durante a primeira etapa da reconquista (s. XII) o Norte da actual província de Cáceres dividiu-se em duas zonas, encontrando-se a parte ocidental sob a influência leonesa e a oriental passando a depender de Castela. No entanto, depois da união entre Castela e Leão (1230), a fronteira suprimiu-se, permitindo contatos mais livres e frequentes entre as duas variedades de tal maneira que – junto à castelhanização do Leão e a força da norma toledana do castelhano – hoje em dia não é uma tarefa fácil determinar a origem de certos fenómenos dialetais nesse território. De qualquer forma, Alvar [*ibidem*: 172-173] afirma que o vestígio leonês é mais saliente no Noroeste cacerenho, área que mais nos ocupará.

Recentemente (e fazendo eco do suposto isolamento do *Val*) Rammallo [2011: 114] descreveu a sociedade de Xálima com o uso das noções elaboradas pelos linguistas alemães nos estudos dos chamados *Sprachinseln*, “enclaves” ou “ilhas linguísticas”.

Xálima, de um modo geral, partilha as características deste tipo de comunidades linguísticas minoritárias sendo de:

(...) economía primaria, ás veces cunha emerxente terciarización (turismo); área xeográfica reducida, con frecuencia illada; redes sociais densas e endogámicas; identidade local diferenciada; bilingüismo; baixo ou nulo nivel de estandarización lingüística, diversidade dialectal; lingua propia marxinada politicamente, sen recoñecemento legal, etc. [*ibidem*: 114].

Contudo, recentemente, os fatores que têm exercido e continuam a exercer influência sobre a *a fala* devem ter sido mais diversos. Mencionemos alguns inexistentes outrora: os movimentos migratórios da segunda metade do séc. XX; meios de transporte novos e mais acessíveis, novos meios de comunicação que possibilitaram um acesso indiscriminado às variedades maioritárias e standard; a escolarização na língua padrão e o interesse dos meios de comunicação e dos investigadores (sobretudo galegos a partir dos anos 90), aparte das recentes iniciativas de política linguística e cultural [Dondelewski, 2011: 4, 9-10].

Tudo o que foi mencionado terá influído na autopercepção, na autoestima e na autoadscrição identitária dos xalimegos. Portanto, parece-me mais oportuno perceber o *Val* como um enclave rodeado por geoletos alheios, sim, mas de forma alguma como uma comunidade de fala isolada.

Por esta razão, proponho adaptar uma óptima alternativa, dinâmica e capaz de descrever uma comunidade que está em contato constante com o mundo de fora e cujo eixo de identificação é o seu peculiar falar.

Como foi mencionado, a comunidade encontra-se em início do processo de penetração do castelhano, pelo que é válido analisá-la através da noção do conflito linguístico entre *a fala* e as variedades vizinhas. A dita noção é importante também por ressaltar a dimensão pessoal e psicossocial da eleição linguística que se faz durante a conversa [Blas Arroyo, 2008: 395-400].

Seria, portanto, proveitoso analisar o fenómeno de vitalidade do falar xalimego e do seu uso vendo-o como um processo de negociação da identidade local de cada xalimego através do uso d'*a fala*. Suponho que usando o geoleto local na conversa com um forâneo, um vizinho do *Val* assume, resalta e valida a sua pertença à comunidade local, reforçando, ao mesmo tempo, a função identitária d'*a fala* (e a imagem intragrupal dele) e a função diferenciadora d'*a fala* (e a imagem intergrupala dele) [*ibidem*: 415].

A comunidade em questão satisfaz os critérios de uma rede social densa, caracterizando-se por contatos interpessoais fortes entre os membros que numa vasta maioria pertencem a um estrato social baixo, sendo agricultores ou artesãos [*ibidem*: 259-260; Dondelewski, 2011: 20]. A rede social densa tende a uniformizar os comportamentos linguísticos dos seus membros; a pressão normativa é forte [Blas Arroyo, 2008: 261]. À dita pressão uniformizadora (que neste caso se traduziria em cultivar a fala) se subordinam os xalimegos, sentindo a necessidade de acomodação [*ibidem*: 262] dentro da comunidade.

Processo identitário

Propondo a hipótese de a divergência linguística d'*a fala* ter a sua origem na negociação da identidade, é preciso determo-nos um momento sobre a noção da identidade a adaptar no caso estudado. Decidi partir das considerações do campo da psicolinguística, onde se foca no *eu*, vendo-o como membro de um grupo social maior. Vai interessar-nos a definição do *eu* elaborada no âmbito dos estudos da identidade étnica, proposta por S. Hall [1992]: “(...) [the identity] has an inner core or essence that is the «real me», but this is formed and modified in a continuous dialogue with the cultural worlds «outside» and the identities which they offer”. Além disso, Hall [1996] defende que “identities are constructed within, not outside, discourse”. Iglesias-Álvarez e Ramallo [2002-03] comentam que “identities arise in the presence of the other, of the opposite, of its negation, in a negotiated dialectic that is at all times an unfinished process of construction and deconstruction (...)”.

A identidade, para surgir, precisa de um outro, de um oposto, do seu “constitutive outside” [Hall, 1996: 4-5]. Portanto, se a vitalidade d'*a fala* se pode explicar através dos mecanismos identitários, o seu outro deve ser suficientemente saliente, ou então *a fala* deve possuir traços diferenciadores excepcionais, que proponho denominar *traços de não-pertença*.

Propostas de traços de não-pertencer

O geoleto que nos ocupa aqui conta com diversas particularidades fonéticas. No entanto, aqui vou focar-me em duas, que, apesar de terem origens em comum, evoluíram em direcções distintas dentro e fora de Xálima. Vou servir-me dos resultados da análise elaborada em Dondelewski [2011]⁴, onde foi comparado o estado de conservação de

⁴ Com base nas gravações realizadas no âmbito do ALEPG (Atlas Linguístico-

alguns dialetalismos antigamente comuns para *a fala* e o vizinho falar de Foios (Guarda, Portugal), tendo em conta a influência dos vizinhos dialetos portugueses e castelhanos (português beirão e *extremeño*) e concluindo que *a fala* manteve as suas particularidades dialetais, enquanto em Foios as ditas foram rejeitadas.

O ditongo <ei> tónico

A filóloga portuguesa Clarinda de Azevedo Maia [1977: 169-171] descreve a manutenção dos dialetalismos na zona no nosso interesse nos anos 60, afirmando uma grande vitalidade do ditongo <ei> tónico nos falares do antigo Riba Coa⁵, então também em Xálima. A autora ressalta os nítidos paralelismos com o vizinho português, com todos os falares provenientes do antigo galaico-português e também com o leonês ocidental e o Ocidente asturiano quanto à origem do ditongo e a sua manutenção, revelando-se distanciada *a fala*, neste sentido, das vizinhas variedades extremenhas, donde se verifica uma monotongação enraizada: em Xálima numa esmagadora maioria dos casos (84%, como se vê abaixo) observa-se a conservação do ditongo o que se pode tratar como uma forma genuína e típica de *a fala*, resultante da sua evolução interna⁶.

Número total de realizações analisadas: 89

- Ditongo não reduzido (vernáculo) ([ej]): 75 (84%)
- Redução do ditongo (inovação): 14 (16%)
 - o Redução parcial ([eː]): 5
 - o Redução total ([e]): 9

Exemplos:

- Ditongo não reduzido:
 [kozɐˈtʃejɾo^h], [mẽˈθejɾa], [fɛˈrejɾo], [ɛʃtrẽˈɖejɾo], [oliˈβejɾa],
 [paˈʎejɾo], [aˈðejti], [oβˈejɾo], [primejˈriθa], [χilˈxejɾo].

-Etnográfico de Galiza e Portugal). A equipa de dialetólogos visitou San Martín em 1999, segundo a descrição de João Saramago [2006: 283], diretor do projeto. Veja-se o site do Atlas: <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg> – 12.02.2014.

⁵ Sobre la história destas terras, veja-se Dondelewski [2011: 22-25].

⁶ Veja-se também Dondelewski [2011: 55-57].

- Redução parcial do ditongo:
[l'e̞'ti̞], [p'r'i'me̞'ra̞], [p'rime̞'riθa̞], ['ke̞'ʒo̞], [t'e̞'ʃõ̞].
- Redução total do ditongo:
[ta̞'βle̞ro̞ʃ], [ta̞'βle̞ru̞ʃ], [t'e̞'θe̞ra̞], ['ke̞ʒo̞], [θe̞'re̞ʒa̞ʃ], [karp̞i̞'te̞ro̞].

Os restantes 16% das realizações são uma inovação, sendo o mais provável (não disponho de nenhum estudo específico a este respeito) que resulte de uma penetração de elementos alheios como consequência do bilinguismo dos vizinhos do *Val*. Uma prova que nos poderia aproximar da corroboração desta hipótese é que nas formas monotongadas o /e/ possui um timbre muito menos centralizado do que no caso de se pronunciar num ditongo, igualando-se à pronúncia do castelhano padrão e afastando-se da com o [e̞] centralizado, típica da *a fala*. Segundo Blas Arroyo [2008: 263] “los cambios [lingüísticos] suelen originarse entre miembros destacados de las clases trabajadoras, en momentos en los que la identidad grupal de éstos aparece debilitada”. No caso da comunidade d’a fala, é preciso manter as devidas proporções: aqui não se pode falar de uma estratificação social nítida que possa influir nos processos sociolinguísticos a ocorrer porque os professores, padres e funcionários tradicionalmente vinham de fora, não falando o geoleto local. Por outro lado, existe uma grande emigração que continua a usar *a fala* entre si fora de Xálma e que manteve contato com a sua terra. O tema requer um extenso estudo sociolinguístico, que perguntaria sobre o porvir d’a fala. Por enquanto, gostava apenas de assinalar que a mudança observável com base nos dados apresentados está numa etapa primitiva, demonstrando uma distribuição irregular e provavelmente sem atingir ainda o nível de consciência dos falantes; uma mudança linguística que não precisamente tem de se propagar [*ibidem*: 263-265]. Sabendo que este pode ser o início do processo de debilitamento da identidade coletiva e da rede social em questão, não há dúvida quanto ao caráter excepcional da conservação do traço fonético [e̞] n’a *fala* apesar do constante contato com o castelhano padrão e o vizinho extremeño.

Não podendo excluir a eventualidade de a monotongação avançar no processo de *language shift*, uma hipótese oposta parece favorecer a comparação com o português de Foios, também originado no Riba

Coa e hoje em dia muito avançado no caminho até à supressão dos dialectalismos [Dondelewski, 2011] e à já descrita na literatura queda no desuso dos demais geoletos la raia, cuja entrada em contato com as variedades mais prestigiadas deve ter acontecido em simultâneo com a d’*a fala* e cuja configuração sociolinguística inicial (no momento de se poder iniciar o *language shift*) deve ter sido similar⁷.

Proponho a hipótese de que a realização ditongada do <ei> constitui para os xalimegos um traço de não-pertença, desempenhando uma função distintiva dos de fora.

O <ch> pretónico

Azevedo Maia [1977] refere a existência em Xálima da consoante africada pré-palatal surda pretónica ([č]), por exemplo em “chuva” [čuba] ou “chícharo” [čičaru]⁸. Este fonema em Xálima continua a gozar de uma grande vitalidade, à diferença da situação nos falares portugueses vizinhos, sendo o mais comum ouvi-lo em *chave*, *cho-ver*, *chama*, *chocallo* ou *rachar*.

A presença do fonema africado palatal /tʃ/ na posição pretónica é um arcaísmo fonético, alheio do estado actual dos falares vizinhos (português meridional e padrão, extremenho e castelhano padrão), existente atualmente só em galego.

Nos vizinhos falares portugueses, a realização africada está desde há aproximadamente 40 anos em via de uma gradual extinção, ao contrário do que se verifica em Xálima [Dondelewski, 2011: 70].

Dentro dos 41 casos analisados, não aponteí nenhuma realização fricativa: todas se pronunciavam com um dos alofones do fonema /tʃ/⁹.

É preciso comentar que tive em conta tanto as palavras que partilham o fonema africado com o extremenho (*mechas*, *cosechaba*, *pinchas*, *serruchu*, *rachal*, *chispa*, *chorizo*, *chaparro*), como com o português beirão (*chobendu*, *chabi*, *chobia*, *chaman*, *chama*, *chamorin*).

⁷ Sobre a bibliografia dos demais falares da raia, veja-se Barros Ferreira [2010].

⁸ Transcrição fonética original.

⁹ Ainda que esta questão não se vá analisar até ao pormenor, cabe mencionar que o fonema em questão possui em Xálima os três seguintes alofones: [tɕ], [tɕʰ] e [tʃ].

Entre os grupos de palavras de distintas proveniências não observei nenhuma diferença articulatória. Seguem exemplos oportunos:

- africada dorsal alveolopalatal [tʃ]: 30
- africada palatal, típica para Extremadura, e o seu variante palato-alveolar [tʃ]/[tʃ]: 11

Exemplos:

- [tʃ]: ['metʃa], ['tʃoθa], [ma'tʃakã], ['tʃaβi], [koʒe'tʃaβa], ['tʃoθa], ['ʃatʃo], ['pĩntʃa],
- [tʃ]/[tʃ]: ['tʃapa], ['korta], ['tʃoto], ['motʃa], [tʃo'βⁿdu], [eʃpitʃi'nejra], [ka'tʃejro], ['tʃamã].

Suponho que a motivação da conservação do fonema africado se deve à proximidade dos falares extremenhos. Outra observação: em termos articulatórios, neste caso encontramos com uma alta homogeneidade da sua realização, sendo patente a preferência pelo som africado dorsal alveolopalatal surdo [tʃ], independentemente da proveniência da palavra.

Ora bem, o ALPI (Atlas Linguístico da Península Ibérica) atribui a palavras como *cuchillo* ou *cosecha* o som “predorso-prepalatal africado sordo no rehilante”¹⁰. Este som aparece nas transcrições realizadas num território mais vasto, também p. ex. em Burgos, Toledo, Saragoça ou Sevilha ainda que para mim, em muitas ocasiões seja notável a diferença entre a realização do <ch> em Xálima e no padrão castelhano. Esta questão precisaria de um estudo articulatório específico. No entanto, se assumirmos a hipótese de realmente existirem diferenças articulatórias, resultará que a pronúncia afrificada dorsal alveolopalatal é a mais afastada (dentro de todo o *continuum* sonoro que se pode perceber como o fonema /tʃ/) da pronúncia típica padrão.

Por que é que a realização mencionada não tende a adotar as propriedades do som vizinho parecido? Uma resposta poder-nos-ia oferecer a sua adscrição ao hipotético repertório dos traços de não-pertença, através dos quais os xalimegos assinalam e demarcam os limites entre o *nosso* e o *alheio*.

¹⁰ Veja-se http://westernlinguistics.ca/alpi/phonetics_04.php – 12.02.2014.

O fator de “falar diferente” nos mecanismos identitários

Se desejarmos descrever e compreender as relações entre *a fala* e a identidade dos xalimegos, teremos de inscrever o fator de “falar diferente” nalguma das teorias de construção de identidade existentes, considerando que este falar diferente é um dos elementos mais importantes da identidade.

Proponho a Teoria do Processo Identitário (*Identity Process Theory*, a continuação a *IPT*) de G. Breakwell, cujo objetivo é explicar como os indivíduos combatem as ameaças do seu *eu* e o que os motiva a defendê-lo [Breakwell, 1986].

A estrutura da identidade (isto é, o conteúdo e as dimensões de valor/afecto) rege-se por dois processos: o processo de assimilação-acomodação (*assimilation-accommodation*) e o de avaliação (*evaluation*) [Jaspal, Cinnirella, 2012: 2]. O primeiro absorve e ajusta uma nova informação dentro da identidade; o segundo confere significado e valor aos conteúdos da mesma (*ibidem*).

Dos princípios da identidade (*identity principles*), pelos quais se guiam os processos mencionados, interessam-nos dois: o princípio da singularidade e da distinção dos demais (*distinctiveness principle*) e o princípio de pertença a um determinado grupo social (*belonging principle*) [*ibidem*].

Por que é que a IPT é favorável no contexto apresentado? A teoria sugere que quando algum dos princípios está em perigo, a identidade é ameaçada, posta à prova e o indivíduo aplicará estratégias de superação (*coping strategies*) para aliviar o perigo. Segundo a IPT, a identidade ativa-se durante o contato com o outro, o *significant other* [Breakwell, 1986].

Suponhamos que um xalimego, membro de um determinado grupo, entra em contato com um forâneo. A identificação com o grupo étnico, ao qual pertence o indivíduo, terá implicações positivas para o princípio de pertença que “is likely to serve as a buffer against perceived rejection from other social groups, such as from members of the dominant national majority, resulting in an overall enhanced sense

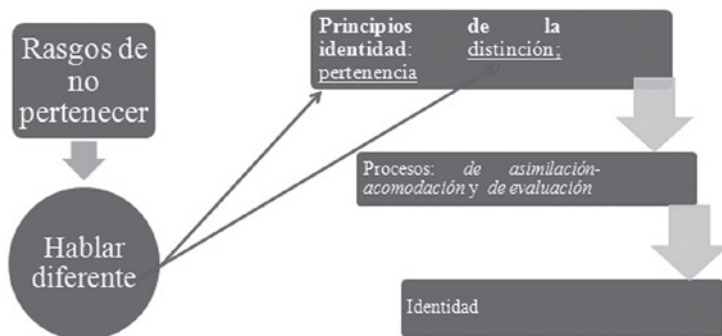
of belonging” [Jaspal, Cinnirella, 2012: 6]. Desta maneira, se relacionássemos o falar diferente com a identidade étnica dos xalimegos, estaríamos no ponto de partida para estudar o mecanismo da construção da identidade graças e através d’*a fala*.

O segundo princípio (de distinção) é mais provável de se acentuar quando o indivíduo percebe de maneira positiva a diferença do seu grupo frente aos demais e este é o nosso caso. “[Group] distinctiveness is particularly relevant to the construction of identity” [*ibidem*: 6-7].

Ainda que os textos em que me baseei tratem do discurso e o facto de continuar a falar a língua vernácula na diáspora (p. ex. o urdu na comunidade paquistanesa na Inglaterra), no caso d’*a fala* seria preciso (e possível) aplicar um foco mais detalhado: identificar os hipotéticos traços de não-pertença como marcadores de distinção. No contexto descrito, um mero intercalar de partes de orações n’*a fala* em várias ocasiões não seria suficiente, não chamaria a atenção porque a inteligibilidade mútua, como suspeito, com as variedades portuguesas e castelhanas é excelente.

O facto de se manter muito limitada a convergência dialectal leva-me a supor a existência – na interseção d’*a fala* com os falares vizinhos – de elementos fonéticos suficientemente salientes para poder activar – em conjunto com a estruturação psicossocial do grupo – processos de adscrição ao nosso e ao alheio, da construção identitária ao redor d’*a fala*, o que de maneira esquemática se apresenta no gráfico abaixo.

Gráfico 1



Referências bibliográficas

- ALVAR, M. (ed.) (1999), *Manual de dialectología hispánica. El español de España*, Ariel, Barcelona.
- AZEVEDO MAIA, C., de (1977), “Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e a vizinha região de Xalma e Alamedilla”, *Suplemento IV da Revista Portuguesa de Filologia*, sem paginação.
- BARROS FERREIRA, M. (2010), *Língua e história na fronteira norte-sul. Bibliografia*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- BLAS ARROYO, J. L. (2008), *Sociolingüística del español. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*, Cátedra, Madrid.
- BREAKWELL, G. (1986), *Coping with threatened identities*, Methuen, London.
- BREAKWELL, G. (2001), “Social representational constraints upon identity processes”, em: Deaux, K., Philogène, G. (eds.), *Representations of the social: bridging theoretical traditions*, Wiley, New York, pp. 271-284.
- DONDELEWSKI, B. (2011). «*De costas viradas*». *O falar de San Martín di Trebellu (Cáceres, Espanha) comparado com o falar dos Foios (Guarda, Portugal) através das realizações atuais do <ei> tónico, dos /s/ e /z/ iniciais e mediais e do <ch> pré-nuclear*, tese de licenciatura não publicada, Uniwersytet Jagielloński, Kraków.
- GARGALLO GIL, J. E. (2009), “Fronteras y enclaves en la Romanía. Encuadre romance para la fala de Xálima”, *Límite*, 3, pp. 27-43.
- HALL, S. (1992), “The question of cultural identity”, em: S. Hall, S., Held, D., McGrew, A. (eds.), *Modernity and its future*, Polity Press, Oxford, pp. 596-632.
- HALL, S. (1996), “Introduction: Who needs identity”, em: Hall, S., de Gay, P. (eds.), *Questions of Cultural Identity*, SAGE, London, pp. 15-29.
- IGLESIAS-ÁLVAREZ, A., RAMALLO, F. (2002-03), “Language as a diacritical in terms of cultural and resistance identities in Galicia”, *Estudios de Sociolingüística*, 3(2) & 4(1), pp. 255-287.
- JASPAL, R., CINNIRELLA, M. (2012), “The construction of ethnic identity: insights from identity process theory”, *Ethnicities*, 12, 5, pp. 503-530.

- RAMALLO, F. (2011), “O enclave lingüístico de Xálima: unha análise sociolingüística”, *Estudos de Lingüística Galega*, 3, pp. 111-135.
- SARAMAGO, J. (2006), “O atlas lingüístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)”, *Estudis romànics*, 28, pp. 281-298.
- ZAMORA VICENTE, A. (1974), *Dialectología española*, Gredos, Madrid.